

Boletim GEMAA

RAÇA E GÊNERO NO CINEMA BRASILEIRO 1970 - 2016



Marcia Rangel Candido

Cleissa Regina Martins

Raissa Rodrigues

João Feres Júnior

n.2
2017

RESUMO

Este boletim expande o horizonte temporal dos trabalhos anteriores feitos pelo GEMAA sobre diversidade no cinema brasileiro. Com base nos dados disponibilizados pelo Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual (OCA-ANCINE), computamos as informações de gênero e raça das pessoas que desempenham as atividades de maior notoriedade na produção audiovisual (direção, roteiro e atuação), levando em conta todos os filmes que obtiveram público acima de 500.000 espectadores entre os anos de 1970 e 2016. Como podemos constatar, em quase meio século de cinema nacional, a despeito das mudanças de regime político e de governos, intensas desigualdades continuaram a marcar esse campo da indústria cultural, no qual predomina o gênero masculino e, sobretudo, as pessoas de cor branca.

CINEMA BRASILEIRO

Desde a década de 1970 o Brasil passou por inúmeras transformações políticas: ditadura militar que durou duas décadas, um longo período de redemocratização, a implantação de políticas neoliberais de desestatização, oito anos de governo do PSDB, a ascensão do Partido dos Trabalhadores à presidência, e a destituição da primeira presidenta brasileira por meio de um processo jurídico-parlamentar altamente controverso. Tais mudanças incidiram sobre os mecanismos de fomento da produção audiovisual nacional, que oscilou entre períodos de intensos investimentos, de contração de recursos, ou mesmo de ausência total de financiamento público. A criação e extinção da Embrafilme, a instituição da Lei Rouanet (Lei nº 8.313/1991) e da Lei do Audiovisual (Lei nº 8.685/93), e a fundação da Agência Nacional de Cinema (Ancine), são alguns exemplos dos processos que articularam o desenvolvimento do audiovisual à atividade estatal.

As narrativas cinematográficas passaram pelo estabelecimento de distintos estilos, ênfases e ciclos. Movimentos como o Cinema Novo e o Cinema Marginal, a formação e falência de gêneros como a pornochanchada, dentre outros, evidenciam a criatividade e a diversidade do campo artístico brasileiro, que inclusive alcança alguma projeção internacional. Somente este ano de 2017, por exemplo, o Brasil teve participação recorde no prestigiado Festival de Berlim (12 filmes), ganhou prêmio em Cannes e levou 15 produções ao Festival Internacional de Cinema de Rotterdam.



CINEMA BRASILEIRO

A despeito do histórico de grandes mudanças políticas e sociais no país e também das mudanças da estrutura produtiva e das tendências estilísticas do cinema nacional, sua produção continua sendo marcada por intensas e persistentes desigualdades de gênero e raça, como mostram pesquisas produzidas pelo GEMAA. No presente boletim expandimos para trás o escopo da análise para alcançar um recorte temporal que vai de 1970 a 2016, mantendo como foco a mensuração da diversidade de raça e de gênero nas atividades de direção.

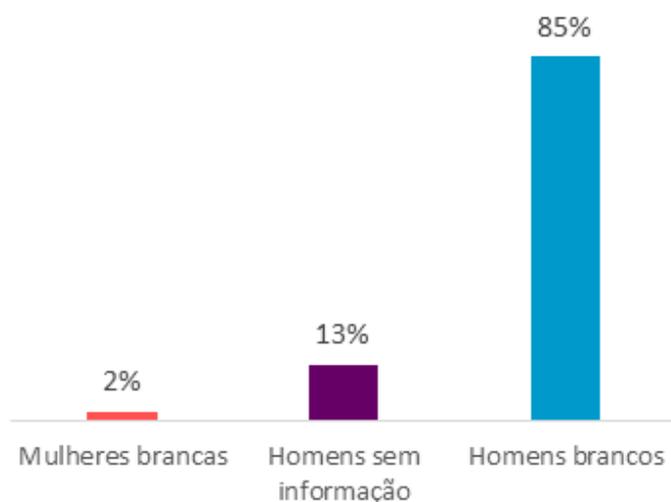
QUAL A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES E NEGROS(AS) NAS FUNÇÕES DE MAIOR NOTORIEDADE NO CINEMA BRASILEIRO AO LONGO DAS ÚLTIMAS DÉCADAS?

NOTAS METODOLÓGICAS

1. Selecionamos os filmes de grande público (acima de 500.000 espectadores) disponíveis em listagens do Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual
2. Foram excluídos documentários e filmes infanto-juvenis
3. Os diretores, roteiristas e elenco principal foram classificados de acordo com as categorias do IBGE (branco, preto, pardo, amarelo e indígena).
4. Não foram considerados os dados que alcançaram percentual inferior a 0,5%.

Observação: para mais informações sobre a metodologia de pesquisa do GEMAA, consultar os Textos de Discussão referenciados ao final deste relatório.

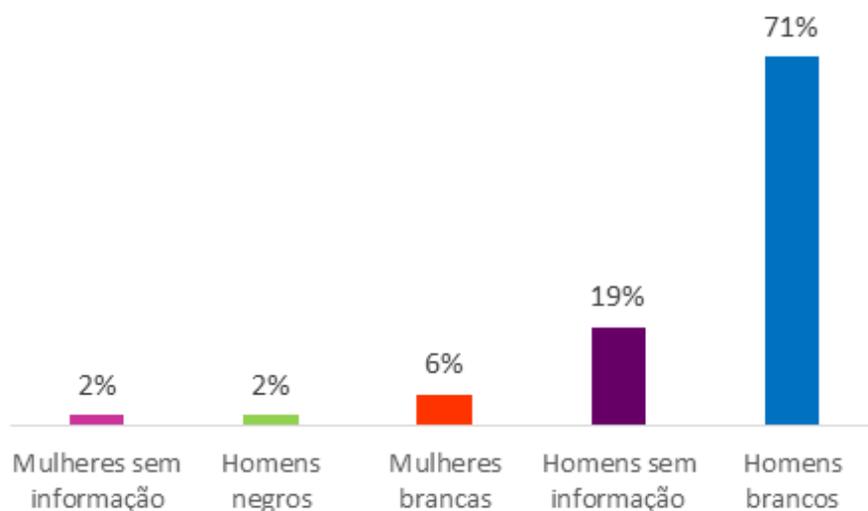
DIREÇÃO



Entre os anos de 1970 e 2016 os filmes com grande público (acima de 500.000 espectadores) foram predominantemente dirigidos por homens (98%). Sequer um diretor não-branco foi identificado, ainda que pese o fato de não termos podido identificar 13% dos casos por falta de dados. No que se refere ao gênero, chama atenção o baixíssimo índice de mulheres na direção dessas produções, apenas 2%. Além disso, nenhuma delas é negra.

ROTEIRO

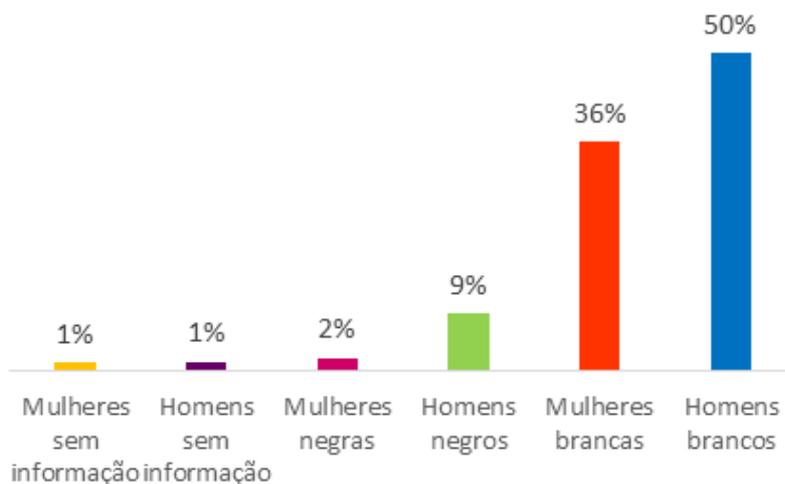
Entre os roteiristas somente 8% eram mulheres. Ainda que não tenhamos obtido a identificação racial de um quarto dessas roteiristas (2%), é preciso notar que somente uma mulher negra (Julciléa Telles) foi de fato identificada na amostra. Ela dividiu o roteiro da pornochanchada “A Gostosa da Gafieira” com Roberto Machado.



ELENCO PRINCIPAL

As histórias narradas nos filmes brasileiros de grande público têm protagonismo maior de homens (60%), quase todos brancos (50%). A participação de mulheres (39%) é numericamente inferior.

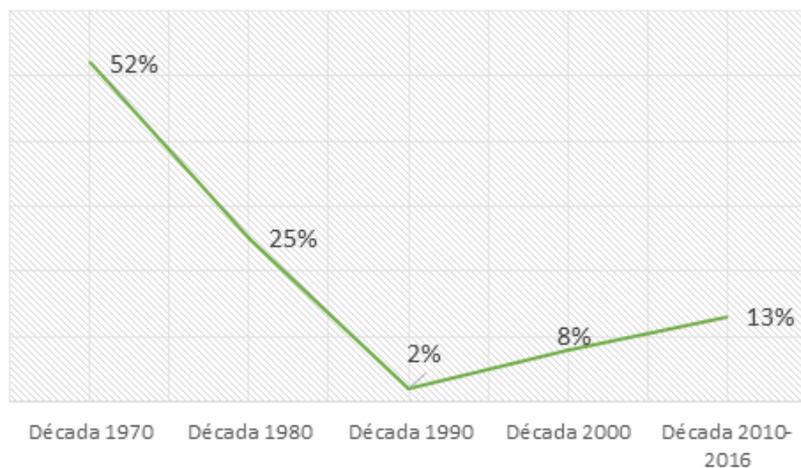
Contudo, a maior desigualdade se dá novamente na variável raça, que é inclusive mais intensa entre as mulheres. Enquanto a proporção entre brancos e negros é um pouco inferior a 6 para 1, entre protagonistas mulheres ela atinge 18 para 1.



FILMES DE GRANDE PÚBLICO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

Como vimos nos dados apresentados, as principais atividades do cinema são marcadas por intensas desigualdades. Mas como essas desigualdades evoluíram ao longo dos anos? As diversas transformações políticas e artísticas ocorridas incidiram sobre a participação de mulheres e negros(as)? Vejamos as respostas abaixo:

PERCENTUAL DE FILMES BRASILEIROS DE GRANDE PÚBLICO ENTRE OS ANOS DE 1970 E 2016



A comparação entre as últimas décadas do cinema nacional permite constatar que os anos de 1970 obtinham uma elevada participação do público, uma vez que 52% dos filmes brasileiros com mais de 500.000 espectadores foram produzidos nesse período. Os dados da década de 1990 mostram os resultados das políticas neoliberais instituídas por Fernando Collor, que cortou os recursos destinados à produção audiovisual e decretou o fim da Embrafilme. Nos anos mais recentes, novas legislações e programas de investimento público têm buscado dar fôlego à indústria cinematográfica, inclusive com o objetivo de tornar os longas-metragens nacionais mais competitivos em relação às tramas Hollywoodianas que dominam o mercado (ver, por exemplo, o programa Brasil de Todas as Telas).

EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE RAÇA E GÊNERO

TABELA 1:

	Direção				
	1970	1980	1990	2000	2010-2016
Homens brancos	79%	91%	82%	97%	90%
Mulheres brancas	0%	1%	9%	3%	10%
Mulheres amarelas	0%	2%	9%	0%	0%
Homens amarelos	0%	2%	0%	0%	0%
Homens sem informação	21%	5%	0%	0%	0%

	Roteiro				
	1970	1980	1990	2000	2010-2016
Homens brancos	71%	71%	73%	72%	70%
Mulheres brancas	1%	5%	18%	19%	18%
Homens negros	1%	2%	5%	3%	3%
Mulheres sem informação	2%	0%	0%	2%	2%
Homens sem informação	24%	21%	5%	2%	8%

	Elenco Principal				
	1970	1980	1990	2000	2010-2016
Homens brancos	52%	52%	41%	47%	46%
Mulheres brancas	40%	34%	49%	32%	32%
Homens negros	4%	8%	10%	19%	15%
Mulheres negras	1%	1%	0%	2%	5%
Mulheres sem informação	1%	3%	0%	0%	0%
Homens sem informação	1%	3%	0%	0%	0%

Na função de direção os dados que mais se destacam são: presença apenas de homens entre os filmes de grande público da década de 1970, com índice elevado de diretores sem informação sobre a cor; por outro lado, a participação de mulheres brancas aumentou timidamente e perfaz 10% nos últimos 6 anos (2010-2016).

Entre as/os roteiristas, a proporção de mulheres brancas aumentou a partir da década de 1990 e tem se mantido estável. Ainda que baixa, essa participação é superior a de mulheres negras, que só aparecem em um filme na década de 1980.

Os homens brancos predominam nos elencos principais dos filmes das décadas de 1970, 1980, 2000 e nos últimos anos (2010-2016). Na década de 1990 as mulheres brancas predominaram nessa atividade. Os negros, por sua vez, são pouco representados, sobretudo as mulheres negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em quase 50 anos de inúmeras mudanças políticas e sociais, o mesmo padrão se mantém para o cinema brasileiro de maior circulação: intensa desigualdade de gênero e, sobretudo, de raça. A produção cinematográfica do país é mais um campo em que a gravidade da questão racial se evidencia, e com particular intensidade para as mulheres negras. Elas sofrem uma dupla exclusão, de gênero e de raça – fenômeno que a literatura especializada denomina interseccionalidade. O aumento de recursos estatais direcionados ao setor não pode estar dissociado da análise crítica sobre o bem público gerado pela atividade financiada.

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONSULTAR:

Candido, Marcia Rangel; Martins, Cleissa Regina. Perfil do Cinema Brasileiro (1995-2016). Boletim GEMAA, n.1, 2017.

Candido, Marcia Rangel; Campos, Luiz Augusto & Feres Júnior, João. “A Cara do Cinema Nacional”: gênero e raça nos filmes nacionais de maior público (1995-2014). Textos para discussão GEMAA (IESP-UERJ), n.13, 2016, pp.1-20.

Candido, Marcia Rangel; Moratelli, Gabriela; Daflon, Verônica Toste; Feres Júnior, João. “A Cara do Cinema Nacional”: gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012). Textos para discussão GEMAA (IESP-UERJ), n.6, 2014, p. 1-25